

BEASTS OF THE BRIAR
BOOK TWO

Woven
BY
Gold

ELIZABETH HELEN



Tecido por Ouro
Beasts of the Briar 02

Elizabeth Helena

Imprensa Luna Fox

Tecido por Ouro

Copyright © 2023 por Elizabeth Helen

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, eventos e incidentes neste livro são produto da imaginação dos autores ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de qualquer maneira sem permissão por escrito dos autores, exceto para o uso de breves citações em uma resenha de livro.

Publicado por Luna Fox Press

Primeira edição publicada em junho de 2023

Design de interiores © 2023 por Elizabeth Helen

Design e ilustração da capa © 2023 por saintjupit3rgr4phic Revisado por Andra Kapule de sinfulalohaediting.com Identificadores

ISBN: 978-1-7388279-3-0 (e-book)

ISBN: 978-1-7388279-4-7 (brochura)

ISBN: 978-1-7388279-5-4 (áudio)

Avisos de gatilho

Woven by Gold é o segundo livro da série de vários livros Beasts of the Briar. É um romance por que escolher que termina em suspense. Contém temas adultos e é destinado ao público maior de 18 anos. O parágrafo a seguir contém avisos de gatilho. **Observe que esses avisos incluem uma spoiler do livro.**

Avisos de gatilho: Conteúdo sexual explícito (M/F, M/M, MMF) (todos consensuais); violência e sangue de fantasia; morte na página de um dos pais; menciona de abuso físico e emocional em um relacionamento anterior

Este livro é dedicado à nossa apaixonada, acolhedora e maravilhosa comunidade on-line de Roses. Que todas as suas vidas sejam felizes.

Conteúdo

- [1. Rosalina](#)
- [2. Rosalina](#)
- [3. Rosalina](#)
- [4. Rosalina](#)
- [5. Rosalina](#)
- [6. Rosalina](#)
- [7. Ezryn](#)
- [8. Dayton](#)
- [9. Rosalina](#)
- [10. Farron](#)
- [11. Rosalina](#)
- [12. Rosalina](#)
- [13. Rosalina](#)
- [14. Rosalina](#)
- [15. Rosalina](#)

- [16. Keldarion](#)
- [17. Rosalina](#)
- [18. Farron](#)
- [19. Rosalina](#)
- [20. Rosalina](#)
- [21. Dayton](#)
- [22. Rosalina](#)
- [23. Rosalina](#)
- [24. Rosalina](#)
- [25. Farron](#)
- [26. Rosalina](#)
- [27. Rosalina](#)
- [28. Rosalina](#)
- [29. Rosalina](#)
- [30. Keldarion](#)
- [31. Rosalina](#)
- [32. Farron](#)
- [33. Rosalina](#)
- [34. Rosalina](#)
- [35. Ezryn](#)
- [36. Dayton](#)
- [37. Farron](#)
- [38. Ezryn](#)
- [39. Rosalina](#)
- [40. Rosalina](#)
- [41. Rosalina](#)
- [42. Rosalina](#)
- [43. Rosalina](#)
- [44. Rosalina](#)
- [45. Farron](#)
- [46. Keldarion](#)

- [47. Farron](#)
- [48. Rosalina](#)
- [49. Keldarion](#)
- [50. Rosalina](#)
- [51. Rosalina](#)
- [52. Rosalina](#)
- [53. Rosalina](#)
- [54. Rosalina](#)
- [55. Rosalina](#)
- [56. Rosalina](#)
- [57. Rosalina](#)
- [58. Ezryn](#)
- [59. Keldarion](#)
- [60. Farron](#)
- [61. Rosalina](#)
- [62. Rosalina](#)
- [63. Diadema](#)
- [64. Rosalina](#)
- [65. Ezryn](#)
- [66. Rosalina](#)
- [67. Rosalina](#)
- [68. Farroupilha](#)
- [69. Rosalina](#)
- [70. Rosalina](#)
- [71. Farron](#)
- [72. Rosalina](#)
- [73. Rosalina](#)
- [74. Diadema](#)
- [75. Rosalina](#)
- [76. Rosalina](#)
- [77. Rosalina](#)

[78. Farroupilha](#)

[79. Rosalina](#)

[80. Rosalina](#)

[81. Farroupilha](#)

[82. Rosalina](#)

[83. Farroupilha](#)

[84. Keldarion](#)

[85. Diadema](#)

[86. Rosalina](#)

[87. Rosalina](#)

[88. Farroupilha](#)

[89. Rosalina](#)

[90. Cáspio](#)

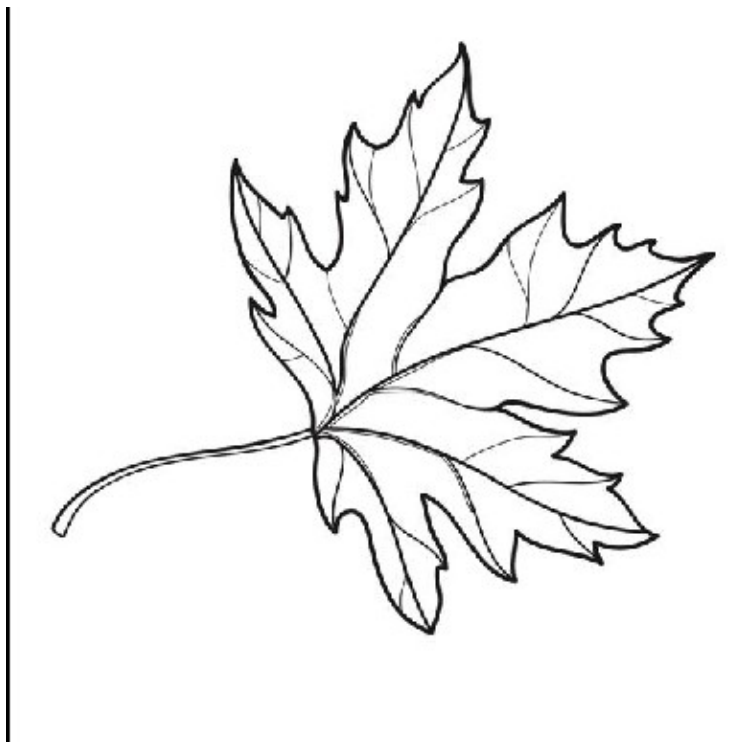
[Obrigado por ler!](#)

[Reconhecimentos](#)

[sobre os autores](#)

[Lista de reprodução](#)

[Príncipe da Arena](#)



Rosalina

Já se passaram QUATRO MESES e a roseira ainda está congelada. O inverno se transformou em primavera, a chuva quente lavou a neve, flores em tons pastéis brotaram da terra dura e a roseira ainda está congelada. Pétalas vermelhas cristalizadas brilham como joias na luz rosa escura, enquanto sombras - longas e escuras - mergulham entre os espinhos, lançando dedos de escuridão no chão da floresta.

Uma raiva ardente percorre meu corpo enquanto cravo as unhas nas palmas das mãos.

Eu *o odeio* . Odeio-o profundamente, onde a raiva ferve como uma coisa selvagem. Odeie-o da maneira mais profunda. Do jeito que você só consegue

se odiar. Porque apesar de tudo, é isso que ele é. Uma parte de mim, entrelaçada em meu próprio ser.

Keldarion. O Príncipe Supremo do Inverno.

Meu companheiro.

Eu não sabia o que era uma companheira antes de encontrar meu caminho para o Vale Encantado, lar das fadas. O lugar onde eu passava todos os dias pesquisando companheiros, tentando encontrar uma maneira de quebrar a maldição dos quatro príncipes feéricos.

Uma risada sem humor borbulha dentro de mim. Eu fui a resposta – pelo menos parte dela – o tempo todo. Companheiro de Kel...

Aperto meu peito, agarrando o tecido do meu suéter. Uma dor sempre presente. O vínculo que despertou quando salvei a vida de Kel. Eu sei que ele também sentiu isso.

Mas em vez de me aceitar e quebrar a maldição, ele me forçou a voltar para cá.

Para o mundo humano. Para a Enseada da Orca.

Este caminho está fechado para você para sempre. Seu beijo ainda ecoa em meus lábios, um formigamento gelado que nunca derreterá.

A roseira estremece, pedaços de gelo caem e se quebram no chão. Sai rastejando papai. Ele me dá um sorriso largo, tirando a poeira dos arbustos quebrados e da sujeira.

Atravessar o matagal não leva mais você ao Vale Encantado, apenas três metros atrás de outro aglomerado de árvores. Eu saberia. Rastejei por isso mais vezes do que posso contar nos últimos quatro meses.

O cabelo castanho do meu pai está despenteado e há manchas de sujeira no nariz. “Desta vez consegui uma boa, Rosie.”

“Isso é legal, papai.”

Ele embrulha cuidadosamente uma flor de rosa congelada em um pano e depois a coloca em sua mochila grande. “Vamos.” Papai lança um olhar para mim. “Vamos para casa.”

Mas Orca Cove não está mais em casa. Em casa estou acordando com flores de cerejeira flutuando no meu quarto e tomando chá com Marigold e Astrid. O lar está rodeado de livros tão antigos que as páginas ficam rígidas e o sorriso mais doce aparece por trás deles. O lar é o cheiro do sal e do mar, e uma risada tão alegre que sempre traz à tona a minha. O lar é o toque mais suave sobre meu corpo, a segurança por trás do que os outros temem.

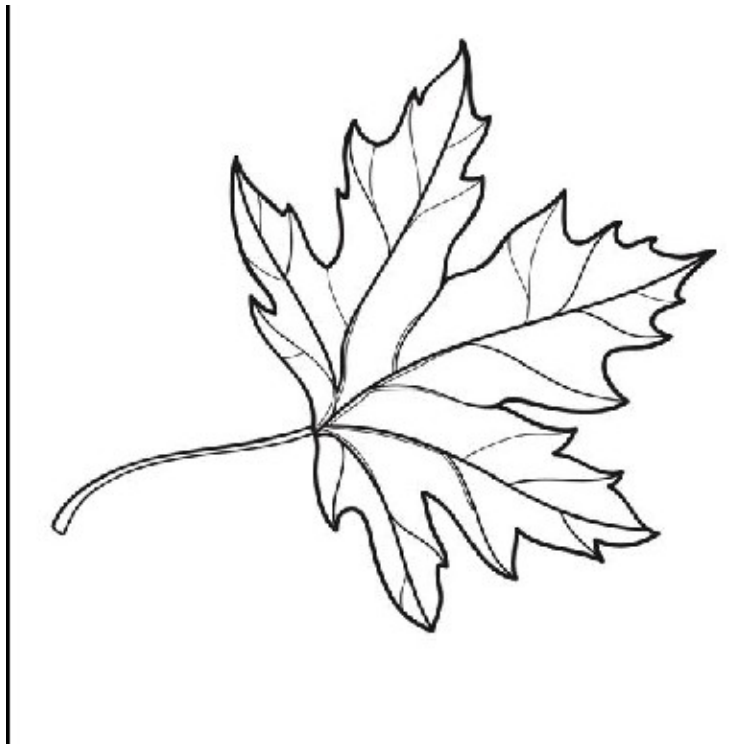
E casa está discutindo com um bastardo estúpido e gelado em uma mesa de jantar e atirando pães nele, enquanto meus amigos - minha família - riem comigo.

Sigo meu pai para fora da floresta, minhas botas enlameadas afundando no solo úmido.

Keldarion levou isso para casa de mim.

E eu o odeio tanto que acho que isso vai me queimar viva.

2



Rosalina

É PRIMAVERA EM ORCA Cove e tudo está cinza.

Não é incomum. Nuvens pesadas pairam no alto, cobrindo qualquer resquício do sol nascente. Eles parecem tão cheios de chuva que podem estourar.

É assim que eu me sinto também. Cinzento e vazio por fora, mas explodindo por dentro.

Como se houvesse algo em mim lutando para sair.

Eu não posso deixar isso.

Mas não são apenas as nuvens espessas que tornam Orca Cove sem cor; as pessoas parecem pálidas, os edifícios de madeira parecem monótonos.

Como se eu tivesse esquecido todas as cores que acabei de aprender a ver.

Papai e eu descemos a rua em direção à nossa casinha nos arredores da cidade. Ele vibra com energia, quase saltando em seus passos. Ele não se importa com os olhares de soslaio que recebemos com sua voz estrondosa, ou com a maneira como as pessoas atravessam a rua para evitar andar perto de nós. Eu também não me importo. Não mais.

“Você está me ouvindo, Rose?” Papai acena com a mão na frente do meu rosto.

“Primeiro, podemos transformar a pétala de rosa na tônica daquela pastilha que desenterrei na Romênia, ou podemos experimentar a canção de ninar e a dança do livro infantil.

Precisaríamos escolher uma boa árvore. Você tem uma excelente intuição. Qual árvore devemos escolher?”

Quase rio alto. Minha intuição estava errada.

“Papai”, eu digo, “não vou pular em volta de uma árvore, dançar e cantar como se fosse de algum musical amaldiçoado”.

Ele estreita os olhos azuis brilhantes e suspira. “Maltar. Vamos tentar o tônico primeiro.”

Uma pontada de culpa ferve em meu estômago, e eu seguro seu braço e inclino minha cabeça em seu ombro. Caminhamos no mesmo passo.

Gaiotas gritam do porto e eu inalo o cheiro rico de pinho. “Vamos pegar o caminho mais longo para casa, passando pelo salgueiro.”

Se há alguma fresta de esperança no meu mundo cinzento, é que, pela primeira vez na minha vida, me sinto conectado ao meu pai. Passei meus vinte e seis anos sentindo nada além de ressentimento por ele, por me deixar sozinha enquanto ele seguia em suas buscas selvagens para entrar no reino das fadas. Agora sou cúmplice dele.

Depois que Keldarion me mandou embora do Vale Encantado e fechou meu único caminho, voltei cambaleando para minha primeira casa. A casa antes de Castletree.

Eu esperava que estivesse vazio. Para papai ter vendido meus pertences e partir em uma de suas aventuras.

Em vez disso, o que encontrei foi a manifestação física da dor.

A casa estava uma bagunça: um casebre destruído cheio de artefatos estranhos, xícaras sujas de café coagulado e latas vazias de grãos. Mas George O'Connell estava lá, com o rosto normalmente cheio e magro, o corpo alto curvado sobre a mesa da cozinha, as mãos trêmulas enquanto marcava quadrados em um mapa da Floresta de Briarwood.

“Papai?” Sussurrei enquanto passava pela porta destrancada.

Seus olhos injetados de sangue seguraram os meus. E ele fez algo que eu nunca o tinha visto fazer. Ele caiu no chão e chorou.

Eu chorei também. Para o pai que deixei sozinho da mesma forma que ele me deixou durante toda a minha vida. Pela culpa de se apaixonar por um novo mundo. Pela tristeza de perdê-lo.

No dia seguinte, tudo que eu queria era ficar encolhido na cama, mas papai não deixou. Agora ele tinha provas. E ele me teve. “Coberto de magia fada, é isso que você é”, papai dissera. “Além disso, se os moradores de Castletree forem tão bondosos quanto você diz, então essa conexão nos levará de volta.”

Eu estava ansioso no início. E daí que Keldarion me mandou embora? Ele também afirmou que os livros eram chatos e fez algum tipo de acordo com o Príncipe dos Espinhos. Ele obviamente não era o pingente de gelo mais

afiado da caverna. E assim que os outros príncipes descobrissem que eu não estava em Castletree, eles viriam atrás de mim.

Papai disse que Keldarion o mandou de volta para Orca Cove usando o espelho mágico dentro de Castletree. Se os príncipes pudessem usar o espelho para se conectarem ao mundo humano, então seria apenas uma questão de tempo até que me encontrassem.

Mas então os dias viraram semanas, as semanas viraram meses.

Keldarion não mudou de ideia. A neve do nosso pequeno quintal derreteu, o gelo do lago rachou. O inverno deu lugar à primavera e ele não mudou de ideia.

Ninguém veio atrás de mim.

Não choro mais quando penso neles. Nem mesmo quando penso na maneira como Farron levantava as sobrancelhas, com os óculos muito baixos no nariz.

Ou a onda de calor pelo meu corpo quando Dayton passou a mão pelas minhas costas, o prazer vertiginoso de querer tanto. Ou o tecido áspero da capa de Ezryn ao qual me agarrei quando o mundo parecia grande demais para mim, ou como naquele momento eu estava ancorado, protegido e seguro.

Ou como eu beijei Keldarion e soube em cada essência minha que pertencia a ele. Que ele pertencia a mim.

“Ei, é você, Rosalina?” Uma voz rouca me arranca dos meus pensamentos.

“Continue andando”, diz papai. “Não pare.”

Estamos passando pelo Seagull's Gullet Book Emporium, meu antigo local de trabalho. Richard, meu ex-chefe, está escrevendo em um quadro-negro em letras grosseiras e quadradas. Não é como o cuidado que eu teria pensando em trocadilhos de livros e rabiscando personagens literários.

“Rosalina!” Ricardo liga. “Deixei algumas mensagens de voz para você.

Pensei que você poderia querer fazer alguns turnos. Você pode até fazer alguns dos pedidos. Rosalina?”

“Desculpe, Ricardo. Muito ocupado.”

Ele xinga baixinho. “Perseguindo duendes com seu pai agora, hein?”
“Fadas, na verdade,” eu digo sem olhar para ele. “Você deveria tentar ler um livro pelo menos uma vez.”

Papai ri e me conduz pela estrada. Eu não poderia voltar a trabalhar para Richard depois de morar em Castletree. Não depois de passar meses com Astrid, Marigold e os outros funcionários e experimentar como é trabalhar com pessoas que respeitam você. Quem cuida de você.

Ou pelo menos pensei que sim.

Por que Marigold e Astrid não pediram aos príncipes que viessem me buscar? Não eles sentem minha falta como eu sinto falta deles?

Não me sinto nem um pouco mal por Richard estar sobrecarregado e a loja estar caindo na merda. Eu terminei com seu trabalho mal pago e sobrecarregado. Keldarion mandou papai para casa com joias, e ele está dirigindo até a cidade há algumas horas para penhorá-las em várias lojas.

Keldarion também me deu algo precioso. O colar que usei no Baile do Solstício de Inverno.

O colar que pertencia à mãe de Keldarion. Eu nunca vou vendê-lo.

Minha garganta fica apertada. Eles não me querem no Vale Encantado. Multar.

Mas tenho que devolver aquele colar. E eu tenho que dizer adeus a eles. Sobre meus próprios termos.

Meu pai faz um clique com a língua. “O maldito prédio parecia melhor quando foi fechado.”

Respiro fundo, sem querer olhar, mas também sem conseguir desviar o olhar. O prédio abandonado que eu olhava todos os dias não está mais abandonado. Foi comprado pela família Poussin. Estão transformando-a numa loja de presentes em Orca Cove para os turistas de verão.

Uma enorme placa vermelha “INAUGURAÇÃO no próximo mês” está pendurada na porta. Embora o prédio esteja escuro, vejo a mercadoria: moletons Orca Cove em todas as cores, bonés Poussin Hunting Lodge e uma baleia assustadora chamada Orky, que será o mascote da cidade.

Está bem. De qualquer forma, eu nunca poderia ter transformado aquilo em uma biblioteca. E, além disso, que biblioteca se compara àquela com estantes tão altas que você precisa de uma escada? Com árvores de bordo crescendo entre as pilhas? Com o homem de olhos dourados e o sorriso mais doce?

“Vamos,” eu sussurro.

“Sim, vamos—Oh merda!” Papai me empurra para a lateral do prédio. Reconheço esse tom de voz. Eu rapidamente me pressiono contra a parede e tento parecer o mais imperceptível possível.

Faróis com brilho total avançam pela estrada, indo rápido demais para nossa pacata cidade. Conheço o barulho daquele caminhão em qualquer lugar.

Mas, para ter certeza, espio pela esquina. Lucas Poussin está com a cabeça para fora da janela e olha da direita para a esquerda, a boca carrancuda, as sobrancelhas vermelhas abaixadas.

Encosto-me no prédio e prendo a respiração, desejando ser menor, invisível. Quando o barulho do caminhão diminui, Papai sai assustado. “Ele se foi.” “Boa localização.” Aperto mais meu suéter em volta de mim. “Não tenho energia para lidar com ele hoje.”

Eu realmente não me importei quando Lucas descobriu que eu estava de volta à cidade e apareceu na minha porta. Eu nem me importei quando ele me criticou pelos goblins, dizendo que nós dois devíamos ter caído e batido a cabeça. Seja como for, se é assim que ele lida com a existência de fadas e com o fato de meu pai estar certo todos esses anos, então bom para ele. Eu já estava superando o fato de ele ter me deixado para morrer... O que ele também negou, dizendo que nunca teria me deixado, e como ousou pensar tão pouco dele?

Naquele momento, não havia mais nada em mim para dar ao Lucas. Sem dor.

Sem tristeza. Apenas dormência.

Mas então ele tentou enfiar o anel de noivado no meu dedo.

Uma coisa visceral, algo como medo, nojo e raiva, tudo misturado, queimou em meu peito. Eu puxei minha mão.

Ainda posso ouvir a raiva em sua voz. O desespero para ter certeza de que ele ainda estava no controle. "O que você está fazendo, Abóbora? Me dê sua mão."

Eu gostaria de poder dizer que joguei o anel na cara dele. Que ele não passava todas as noites dirigindo pela cidade procurando por mim. Que ele me temia do jeito que eu o temia.

Minha mão direita desliza lentamente sobre meu pulso esquerdo, sentindo a cicatriz elevada onde ele uma vez me marcou. Depois, até o meu suéter. O pesado anel de noivado tem um buraco no meu bolso.

"Eu-eu preciso de mais tempo. Eu aviso você. Breve."

Isso foi tudo que consegui. E o que eu digo toda vez que ele me encontra andando na rua ou no meu quintal. Papai faz um bom trabalho em afastá-lo, mas não há nada que Lucas ame mais do que caçar.

Posso praticamente imaginar minha cabeça na parede ao lado de todos os cervos, alces e lobos, meus olhos tão vidrados e mortos quanto os deles.

Levo um minuto para afastar a memória, desejando que meu coração se acalme. Eu quero sair daqui. Nossa casa está no horizonte, pequena e escura. Uma pequena toca para uma presa fugir. Um lugar perfeito para mim.

Quando finalmente olho para cima, vejo meu reflexo na janela empoeirada.

Quem sou eu?

Sombras escuras rastejam sob meus olhos. Minha pele está pálida, meu cabelo está flácido. Não é a pessoa que me lembro que morava em Castletree. A mulher que fez uma barganha com o Príncipe Supremo do Inverno sem medo. A mulher que enfrentou as fadas mais poderosas de todo o Vale Encantado.

O que há em Lucas que me deixa com tanto medo?

E o que havia em Castletree que me tornou tão forte?

Não consigo mais olhar para o meu reflexo. Essa meia pessoa. Esta concha, com apenas aquela coisa visceral presa dentro das minhas costelas, frenética e enjaulada.

“Está tudo bem, Rosa.” Papai toca minhas costas e me incentiva a começar a andar.

“Vamos para casa.”

Concordo com a cabeça, mas sei que não posso ir para casa. Vingativo.

Escapista. Covarde. Traidor.

Os príncipes foram amaldiçoados por esses pecados. Mas estou melhor?

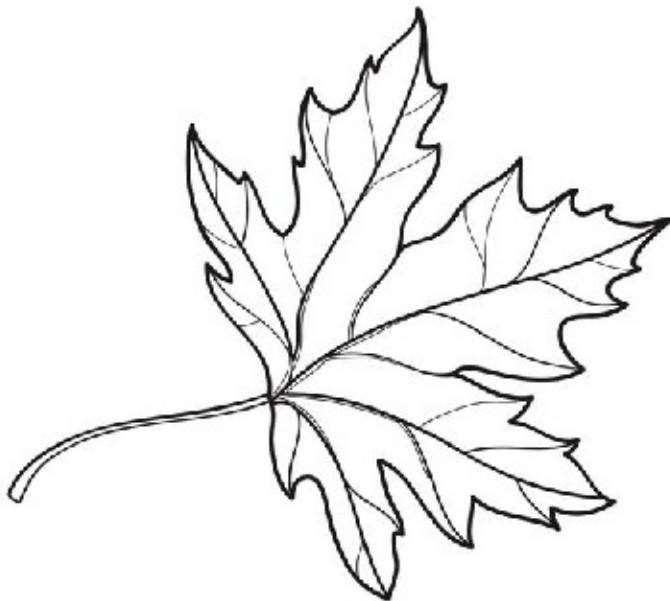
Sou algo mais do que uma fera aterrorizada?

“Esta é uma boa árvore, não é?” Papai diz pensativamente. Ele olha para o salgueiro, aquele em que ele estava na minha foto favorita dele e da minha mãe.

Seus galhos começam a se encher de folhas verdes que balançam como fitas ao vento. “Sim, papai”, eu digo. “Isso é.”

É verdade. Eu conheço boas árvores.

3



Rosalina

COMO VOCÊ VOLTA para algum lugar que não deveria existir? Como você encontra o caminho para um lugar que parece mais um sonho do que realidade?

Meu pai e eu já repassamos isso mil vezes. Quando Papai cruzou para o Vale Encantado, e Lucas e eu o seguimos horas depois...

Por que conseguimos passar? Qual foi a diferença?

Papai me contou que tentou retornar depois que Keldarion o mandou de volta, mas não havia mais caminho através da roseira. Mas vou encontrar uma maneira, nem que seja apenas para acabar com essa dor sempre presente em meu peito.

Contei ao papai sobre minha pesquisa no Vale Encantado e sobre minha tentativa de encontrar as companheiras dos príncipes. Até expliquei como sei, de coração e alma, que sou companheira de Kel. E quando a única evidência que apresentei foi a sensação de queimação em meu coração, aquele puxão invisível para ele... Meu pai não zombou nem me chamou de louco. Não, apenas uma profunda compreensão brilhou em seus olhos azuis. Nossa casa é uma confusão de papéis e livros, uma prova da busca incansável de papai por respostas. Cada superfície é coberta com sua pesquisa

notas. As prateleiras estão repletas de tomos empoeirados e manuscritos antigos. Eu costumava sentir ressentimento toda vez que os via, sabendo que sua obsessão pelas fadas me roubou uma infância normal.

Mas agora, enquanto analiso suas anotações, sinto entusiasmo. Talvez fosse assim que deveria ser o tempo todo. Agora não são apenas suas xícaras de café e latas de grãos que ocupam nosso espaço de trabalho, mas também minhas latas de Diet Pepsi e embalagens de Pop-Tart.

Papai e eu estamos nisso juntos.

Keldarion fechou esse portal, mas certamente existem mais portais no mundo. Essa lógica era a razão pela qual meu pai estava sempre viajando, tentando encontrar outra maneira de entrar. O Vale Encantado é vasto, mas

não temos tempo para vasculhar todos os cantos do mundo. Se eu não puder ajudar meus príncipes antes que as rosas de Castletree murchem, eles continuarão sendo feras para sempre.

“Que tal colocar o colar que Kel me deu do lado de fora durante a lua cheia?” — pergunto, levantando os olhos do meu livro. “Talvez carregue com energia mágica.”

“Boa ideia, Rosie.” Papai adiciona algumas pétalas de rosa a uma mistura que está preparando no fogo.

O plano atual: abrir nosso próprio caminho para o Vale. Isso significa usar toda a magia e folclore que o mundo humano tem disponível.

Um estrondo ecoa pela casa e uma nuvem de fumaça preta envolve meu pai. Ele tosse. Eu pulo da minha cadeira, vendo o brilho da chama em seu cachecol.

“Papai!” Pego meu copo de água e apago a pequena chama.

Ele dá uma risada, o rosto coberto de fuligem. “Ora, obrigado. Esse escapou de mim.”

“O que você estava tentando fazer...” Minha voz desaparece enquanto ele desenrola o cachecol, e algo brilha na luz. “Colar da mãe.”

“Ah, sim.” Papai tira o colar e o coloca em minhas mãos. “Ela sempre usava isso.”

Um zumbido etéreo flui através de mim. É um colar de pedra da lua em forma de rosa.

Já vi esse símbolo antes. Na porta de Castletree.

Meus dedos deslizam cuidadosamente pelas bordas e penso nos colares usados pelos príncipes. A concha brilhante que me trouxe ao calor do Reino do Verão, a folha dourada que me ajudou a escapar da rebelião para a segurança de Castletree. Um pequeno quadrado de madeira, um floco de neve cristalizado.

Isso não pode ser e ainda...

Minha unha roça uma costura escondida e, com um pequeno clique, ela se abre. Dentro há um espelho.

Uma onda de esperança e alegria toma conta de mim como uma explosão de sol em meu peito. O peso que estava me sufocando desaparece.

“Um medalhão”, diz meu pai. “Eu nunca soube que estava aberto.”

“Pode ser isso, papai.” E embora eu tente não permitir, a esperança aparece em minha voz. “Todos os príncipes tinham colares como este que os devolveram a Castletree.”

“Você pode fazer isso funcionar?”

Prendo meu cabelo castanho em um rabo de cavalo bagunçado. Meu coração dispara e tudo ganha uma nova clareza. Quando eu estava em Castletree, a magia me respondeu. A memória de uma voz perigosa cintila em minha mente: *Confie em seus próprios instintos acima de tudo*. Talvez o Príncipe dos Espinhos tivesse alguma sabedoria em suas palavras distorcidas no baile, afinal.

Com cuidado, estendo o medalhão do jeito que vi Farron e Dayton fazerem. O olhar do papai se alarga a cada movimento meu.

Uma batida forte soa na porta, sacudindo toda a casa. Eu grito e estremeço, e o medalhão voa das minhas mãos.

"Não!" Rapidamente, eu me jogo no chão. Pego o colar e seguro-o protetoramente contra meu peito. "Está tudo bem. Está tudo bem."

As paredes tremem com outra batida retumbante. “Rosalina! Eu sei que você está em casa. Abra.”

Lucas.

Papai me puxa para cima. “Não se preocupe.” Ele me leva para o meu quarto. “Vou fazer com que ele vá embora.”

Mais batidas sacodem a casa. Seguro meus cotovelos, tentando me impedir de tremer. “Eu sou tão estúpido . “Eu realmente achei que o medalhão funcionaria para mim? Os Altos Príncipes são as fadas mais poderosas do Vale Encantado. Eu sou um humano. “Eu não posso fazer *nada*. ”

“Não diga isso.” Meu pai lança outro olhar ansioso para a porta.

"Eu não entendo. Este não sou eu. Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

"Nunca tive medo de falar o que pensava aos príncipes. Quando pensei que estava preso, nunca parei de lutar."

Papai coloca uma mão tranquilizadora nas minhas costas.

"Esses Fae são tão poderosos, mas quando me irritavam, eu contava a eles. Eu mantive minha posição lá fora..." Faço uma pausa, ofegante. "Não entendo por que não posso fazer a mesma coisa agora. Por que não posso dizer a ele para ir embora? Por que não posso dizer a ele que não quero me casar com ele?"

Meu pai me dá uma expressão suave, mesmo quando as batidas aumentam em um ritmo frenético. "Porque você está com medo."

"Mas Lucas é apenas um homem, e eles eram feras."

"Talvez seu coração saiba o que temer e o que é seguro. E é difícil ver um monstro quando ele é proclamado herói."

As palavras do meu pai se instalam profundamente dentro de mim e eu enxugo os olhos. "Eu só queria não estar com tanto medo."

"Sua chama pode ferver agora, brasas em uma lareira. Mas está aí, disso não tenho dúvidas. Não tenha medo do fogo interior."

"Eu não posso deixar você ir lá por minha causa."

"Absurdo. É para isso que servem os pais." Ele estufa o peito. "Nem sempre fiz o que é certo para você, mas isso eu posso fazer."

Ele fecha a porta do quarto atrás de si e eu o deixo enfrentar a batalha que não posso. Enfio a mão no bolso e toco o anel. Até mesmo pensar nisso perto de mim parece tão errado.

Não posso deixar de puxar a manga. Ali, gravadas em meu braço: as letras marcadas que vão do antebraço ao pulso. O nome Lucas.

Arranco o tecido, escondendo o segredo vergonhoso. Um que escondi de todos em minha vida.

Só Lucas sabe, e ele nunca vai me deixar esquecer disso.

Mas eu não sou aquela garota que ele marcou. Não mais. O medalhão parece pesado em minhas mãos. Talvez não funcione para mim, mas tenho

que tentar. Em primeiro lugar, algo me levou a Castletree. Algo dentro de mim respondeu à magia do Vale Encantado. E este medalhão é minha melhor chance. Mesmo que não funcione, nunca vou parar de tentar. Mas não posso tê -lo aqui.

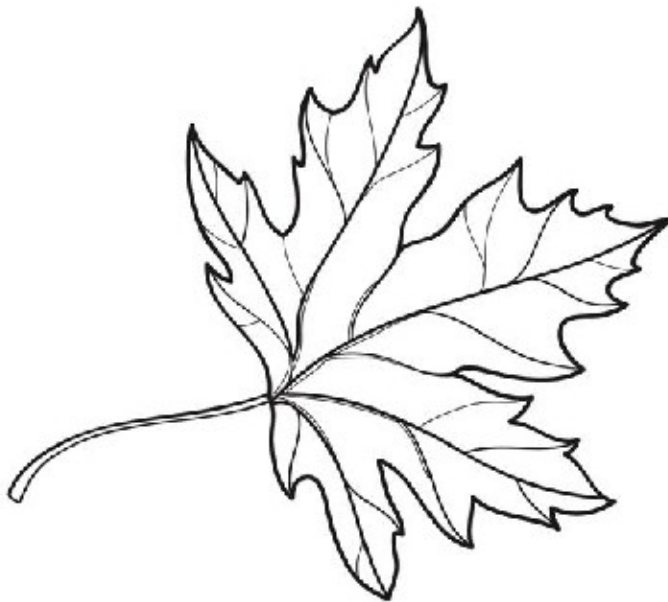
A discussão de papai e Lucas atravessa a porta. eu sei como vai ser... Eles vão lutar por mais alguns minutos, então Lucas sairá furioso. Então, em alguns dias, tudo se repetirá, como assistir a uma peça que odeio, mas estou amarrado ao assento. Não posso sair quando a cortina cair.

A menos que alguém acabe com isso.

A menos que eu acabe com isso.

Agarro o medalhão de pedra da lua na mão e saio do quarto.

4



Rosalina

Os olhos de LUCAS brilham enquanto ele me observa, com o olhar aguçado, como se eu fosse uma corça assustada que ele estivesse alinhando em sua mira.

Mas ele não vai me derrubar. Hoje não. Não quando finalmente tenho uma pista sobre como voltar para onde pertencço.

“Estamos ocupados agora”, digo a ele, odiando o tremor na minha voz. A peculiaridade de seu sorriso quando ouve isso.

“Lá está ela. Finalmente.” Lucas passa a mão pelo cabelo ruivo escuro. Meu batimento cardíaco acelera e a náusea invade meu estômago. Gostaria que Kel, Ezryn, Dayton ou Farron estivessem aqui.

“É rude evitar seu noivo.” Lucas se aproxima. Meu pai tenta ficar na minha frente, mas Lucas o empurra.

Enfio a mão livre no bolso, sentindo o anel. É isso. Eu o retiro e olho para a faixa dourada, o diamante berrante. “Minha resposta é não.”

Ele dá uma risada, mas não há humor em seus olhos. É difícil para mim acreditar que alguma vez o achei atraente. “Você não vê, Abóbora? Isso é não é uma escolha que você pode fazer. Ele agarra meu pulso, segurando com força minha manga longa, em cima da minha cicatriz. Eu grito de dor quando a pressão de seu aperto força minha mão a se abrir. Meu colar de pedra da lua cai no chão, tilintando na madeira.

“Deixe ela ir!” Papai estende a mão para nós.

Lucas o ignora e me puxa para mais perto. “Anel ou não, você pertence a mim desde o momento em que tirei você daquele lago congelado.”

Salvar a vida de alguém não lhe confere propriedade sobre ela. Keldarion me contou isso. Depois de salvarmos um ao outro. Depois que meu vínculo com o companheiro despertou.

“Você não sabe nada sobre pertencer a alguém!” Eu rosno, puxando meu braço.

E talvez eu também não. Mas farei tudo que estiver ao meu alcance para descobrir. E isso significa voltar para Castletree. Para meus príncipes.

Dou um passo para trás e jogo o anel na cara de Lucas.

Ele pisca, tropeçando, mas antes que possa recuperar a compostura, Papai fecha o punho e desfere um golpe forte em sua bochecha. “Fique longe da minha filha, seu vira-lata insuportável!”

"Foda-se, velho." Lucas bate em meu pai com tanta força que ele cai sobre a mesa.

Mas Lucas nunca tira os olhos de mim. Suas pupilas escurecem de fome e desejo, como um caçador perseguindo seu prêmio. Eu nunca vou ceder a ele novamente. Ele se aproxima de mim incansavelmente até que o barulho agudo do vidro soa pela sala. Ele faz uma pausa por um momento e olha para o colar quebrado antes de chutá-lo, espalhando pedaços de pedra da lua pelo chão.

Minha esperança destruída sob o salto da bota de Lucas.

"Venha agora, Abóbora. Isso está ficando ridículo", diz Lucas.

Quando olho do colar quebrado no chão para o rosto de um homem que um dia pensei que amava, algo se quebra dentro de mim também.

Não...

Acende.

O calor inunda meu peito. Chame isso de fogo. Chame isso de poder. Chame isso de fera, até. Mas com o poder de uma tempestade, olho nos olhos de Lucas e digo:

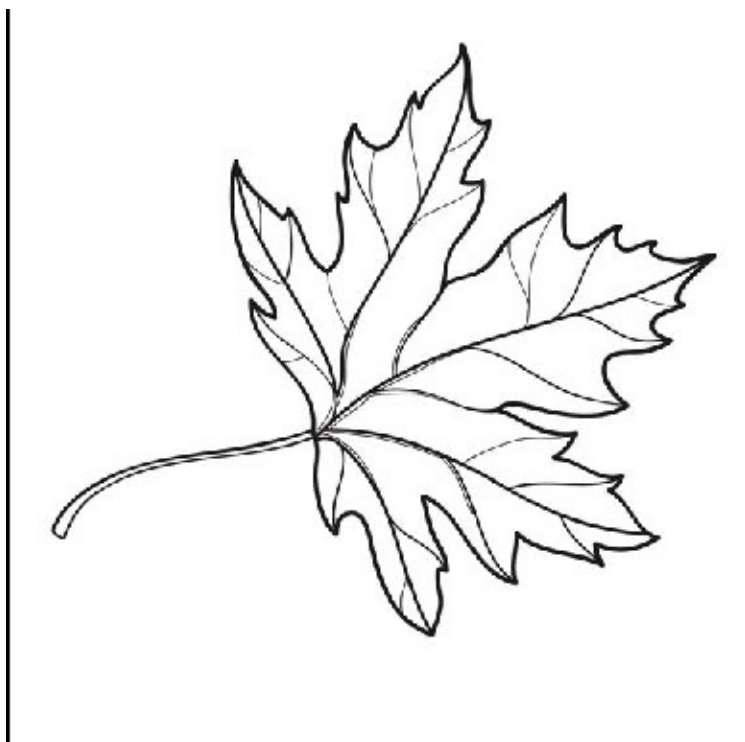
"Deixar. Saia da minha casa. Saia da minha vida."

Ele estremece. "O-o que há de errado com você..."

O suor frio me cobre enquanto meu corpo treme, o medo se contorcendo dentro do meu peito como um animal preso. Mas isso não vai me consumir hoje. Eu rondo para frente. "Eu não quero ver você de novo."

Ele volta para a varanda, piscando loucamente, sem saber o que dizer. Um vento frio sopra por dentro, envolvendo-me como um abraço.

"Adeus, Lucas." Pego o anel do chão e jogo bem em seu peito. "E eu *odeio* o nome Pumpkin."



Rosalina

"CUIDADOSO. CUIDADOSO!"

Papai me manda calar. "Eu entendi. Agora preciso de uma farpa. Em formato de triângulo.

Um quarto de polegada de comprimento. Você vê?"

"Esse?"

"Ata garota."

As mãos do meu pai estão firmes enquanto ele usa uma pinça para arrancar o pequeno fragmento de pedra da lua da bandeja onde reunimos todos os pedaços quebrados. Respirando fundo para acalmar minhas mãos trêmulas, aplico um pouco de Super Glue na ponta do fragmento. Papai adiciona ao colar de retalhos.

Não posso nem me preocupar em me repreender pelo quão ridículos somos agora.

Estamos *supercolando* um artefato mágico possivelmente antigo. É um absurdo. É imprudente.

É minha única esperança.

Minha pele ainda está em chamas depois da briga com Lucas. Talvez a mulher que ganhou vida no Vale Encantado não esteja tão perdida, afinal. Talvez haja algo em ter uma fera dentro de você.

“Está tomando forma”, papai murmura. “Todos esses anos, eu nunca soube que era um medalhão...”

“Pertencia à mamãe.” Sento-me ao lado do meu pai e coloco a mão em seu braço. Gentilmente, ele coloca suas ferramentas no chão. “Por que ela pegou um item do Vale Encantado?”

Ele balança a cabeça. Seu cabelo castanho está grisalho nas laterais, seu rosto desgastado pelo vento, pelo sol e pela falta de cuidado. “Você sabe que nos conhecemos na escavação arqueológica no Cairo. Ela era a antropóloga designada para nosso local e tinha uma carreira incrível antes de nos conhecermos. Me fez parecer um novato. Ele ri, e é quase como se eu pudesse sentir um calor irradiando dele enquanto ele fala sobre ela, como se as brasas adormecidas de sua alma ganhassem vida. “Anya era meio colecionadora, ou packrat, como eu gostava de chamá-la. Ela guardava todo tipo de coisa: presentes das pessoas com quem trabalhava, pinturas de artistas locais, joias estranhas.”

“Mas você me disse que ela usava isso todos os dias”, insisto.

Ele concorda. “Ela disse que era seu primeiro tesouro.”

Olho para o medalhão brilhante. O tempo todo, a chave do Vale Encantado estava no pescoço do meu pai. Como os colares que os Altos Príncipes sempre usavam, isso poderia criar um portal para casa.

Meu pai pega suas ferramentas e começa a trabalhar novamente. Mas não consigo ficar parado.

Meus joelhos tremem e meus dedos batem na mesa.

“Rosalina.”

"Desculpe." Eu aperto minhas mãos no colo para acalmá-las. “É só que... é muita coincidência, não é? Nós dois nos sentimos atraídos por Castletree, e mamãe sempre teve esse colar.”

“De fato”, diz papai, sem tirar os olhos dos pedaços quebrados que ele cola novamente. A luz oscilante acima de nós vibra e pisca. “Na verdade, estou Tenho quase certeza de que essa foi a única razão pela qual seu querido amigo Keldarion me aprisionou.

Seu nome causa arrepios na minha espinha. “O que?”

“Ele estava bastante interessado em que eu saísse do castelo até ver meu colar.”

Papai estreita os olhos enquanto coloca uma pequena lasca de volta no lugar. “Talvez ele saiba algo que nós não sabemos.”

“Esse é Kel, certo. Acha que sabe tudo.

“Isso me lembra algo que sua mãe me contou uma vez.” A voz do papai é uniforme e focada. É como se eu o visse com mais clareza do que nunca.

“Nas profundezas do conhecimento, encontramos a vastidão da nossa ignorância, e é aí que a verdadeira sabedoria começa a se revelar.”

“Papai,” eu digo hesitantemente, “por que você tem tanta certeza de que mamãe foi levada pelas fadas? Ezryn disse que os Fae não roubam humanos. É proibido. Ela poderia ter entrado no Vale por acidente e não ter conseguido sair, mas...”

Ele fecha os olhos, suas mãos ásperas são grandes demais para as ferramentas delicadas. “Morávamos nesta mesma casa de campo e Anya estava muito feliz. Ela brilhava com o brilho do sol. Ela adorava o seu trabalho: aventurar-se, aprender línguas, estudar culturas diferentes. Mas ela amava você acima de tudo.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Quão diferente minha vida poderia ter sido se Anya O'Connell me criasse? Papai não falava muito dela quando eu era criança, mas quando o fazia, falava sobre seu riso atrevido, sua segurança, sua teimosia. Bem, consegui o último, mas gostaria de ter um pouco de confiança.

“Ela desapareceu na noite do seu primeiro aniversário. Ela parecia estranha o dia todo. Diferente dela mesma. Achei que fossem apenas as emoções de seu bebê fazendo um ano. E pouco antes da meia-noite, ela disse que ia dar

um passeio e que já voltava. Mas eu tive um pressentimento. É difícil descrever. Sua mãe

e eu... Brincávamos que era como se tivéssemos uma conexão psíquica, estávamos tão sintonizados um com o outro. Eu poderia dizer que algo estava errado. Então, eu a segui.”

“Espero que tenha uma babá”, brinco. “Caso contrário, você está admitindo que deixou uma criança de um ano sozinha.”

“Sua avó estava hospedada conosco na época, descanse sua alma.”

Vovó O'Connell faleceu quando eu tinha cinco anos; embora não me lembre de muita coisa, sei que passei muito tempo com ela nesses cinco anos em que meu pai esteve fora. “O que aconteceu quando você seguiu a mamãe?” Ele fecha os olhos. “O que vi ficou gravado em minha mente desde então.” Pego sua mão, encorajando-o silenciosamente a continuar.

“Eu vi sua mãe entrar profundamente na Floresta Briarwood. Ela adorava caminhar entre os galhos, mas já era tarde da noite. A certa altura, pensei que a tinha perdido. Mas então, quase invisível à luz da lua cheia, eu a vi ajoelhada no chão. Diante dela havia uma única rosa vermelha.”

Rosas vermelhas... como no espinheiro que me levou ao Vale Encantado.

“E então?”

“E então foi como se a lua tivesse caído de seu poleiro no céu.” A voz do meu pai fica profunda e assombrada. Seus olhos se fecham e eu aperto sua mão para que ele saiba que estou aqui. “Um brilho luminoso irrompeu, tão forte que mal conseguia ver. Tudo o que pude fazer foi ficar de pé. Naquela explosão de luz, eu avistei.”

Meu pai empurra a cadeira para trás e corre até a janela. “Por um único momento, vi um ser de poder terrível, que não era deste reino. E então sua mãe se foi.

Meu coração bate forte. Conheço melhor do que a maioria dos mortais as terríveis capacidades das fadas. Mas o que alguém iria querer com minha mãe?

“Devo ter desmaiado porque acordei de madrugada. Tudo o que restou da sua mãe foi aquela rosa e este colar. Ele olha de volta para a pedra da lua quebrada.

"Sinto muito, papai."

Ele balança a cabeça. "Não me desculpe. Desculpe, você nunca a conheceu. Ela era magnífica. Um sorriso suave e triste surge em seu rosto. "Você é muito parecido com ela."

"Não." Levanto e vou até ele. "Sinto muito por nunca ter acreditado em você.

Por nunca ter defendido você. Mas eu estou protegendo você agora. Sinto aquela coisa dentro do meu peito, aquela coragem que libertei em Lucas. Isso me atrai para o colar. "E vamos voltar juntos."

Papai assente e se senta, voltando imediatamente ao trabalho. "Eu não fui o pai do ano. Você merecia algo melhor do que eu te dei. Você ainda gosta. "Chega de coisas piegas", eu brinco. "Mais colagem."

Papai ri baixinho, mas antes de pegar suas ferramentas, seus olhos ficam distantes. "Rosa?"

"Sim Papai?"

"Eu sei que não fiz nada para ganhar sua confiança, mas por favor..." Sua voz falha. "Confie em mim quando digo que sei que sua mãe ainda está viva. Eu *sei* disso. Aqui." Ele bate o coração.

"Eu acredito em você." E é verdade. Porque há algo naquele exato espaço me dizendo que preciso *voltar* para Castletree. Mesmo que ninguém me queira lá.

Mas por mais que eu queira que meu pai e eu obtenhamos as respostas que procuramos, ainda não consigo ter esperança. Mesmo que papai faça o colar novamente, o

cada príncipe exercia sua própria magia que se conectava a Castletree. Mas isso magia respondeu para mim também. Castletree me mostrou as memórias escondidas dentro de sua casca.

Preciso tentar novamente.

Mais alguns momentos de tensão se passam antes que papai diga baixinho: “Tudo bem.

Tudo está recolocado.

Eu paio sobre seu ombro, olhando para a relíquia brilhante. Embora esteja rachado e pingando cola, ainda está lindo e quebrado.

“Tem que ser você, Rosalina”, sussurra papai.

“Eu sei.” Meus olhos se fecham. “Preciso me dar a melhor chance possível.” Com mãos cuidadosas e delicadas, construo um altar de magia: tudo o que possuo e que pertenceu ao Vale Encantado. Primeiro, larguei o colar da mãe de Keldarion, lembrando quem eu era quando o coloquei pela última vez. *A dama de Castletree*. Então coloco cuidadosamente a coroa de espinhos, um presente do Príncipe dos Espinhos, o homem feérico que drena a magia de Castletree. Mas os seus espinhos responderam-me: ajudaram-me a salvar a vida de Keldarion. Passo um dedo gentilmente pelos espinhos afiados como adagas. A coroa virou uma adaga quando precisei quebrar o gelo, mas voltou a esse formato.

Meus únicos itens restantes são aqueles que usei nas costas no dia em que Kel me banuiu: as roupas velhas de Ezryn que encontramos em seu esconderijo quando nos abrigamos para passar a noite. Levo a camisa e a calça até o nariz, inalando profundamente. Apesar dos muitos meses, ainda consigo sentir o cheiro dele: o aroma terroso da Briar, profundo e amadeirado como uma floresta densa, temperado por uma doçura suave. Olho pela janela. Os dentes-de-leão explodiram sob a luz do fim da manhã. A grama verde lutou e venceu a geada. Eu até vi um açafreão voltei há dois dias. O inverno se foi e a primavera chegou.

Não sei como enfrentarei uma nova temporada sem eles.

“Você está pronta, Rosa?”

Concordo com a cabeça e meu pai coloca cuidadosamente o medalhão em forma de rosa em minhas mãos. Sento-me no chão diante do meu altar e fecho os olhos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Woven by Gold (Beasts of the Briar Boo..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).